



SEÇÃO: LITERATURA DO CONFINAMENTO: CELA, PRISÃO E ISOLAMENTO SOCIAL NA LITERATURA BRASILEIRA, LATINO-AMERICANA E EUROPEIA

Oscar Wilde e a Escrita do Cárcere

Oscar Wilde and Prison Writing

Oscar Wilde y la Escritura de la Prisión

Fábio Waki¹

0000-0003-2902-6231

fabwaki@gmail.com

Recebido em: 11/04/2022.

Aprovado em: 01/08/2022.

Publicado em: 21/10/2022.

Resumo: Este artigo examina textos que Oscar Wilde (1854-1900) escreveu durante sua pena em Reading Gaol (1895-1897) à luz de teorias contemporâneas sobre a escrita do cárcere a fim de identificar como a rotina e a crueldade de seu confinamento o levaram a novas formas de saber sobre si mesmo – em particular, à sua constatação de uma semelhança entre o seu sofrimento e o sofrimento de Cristo. Este artigo irá mostrar como essa constatação consiste em um processo autoconsciente de reconcepção de si mesmo – isto é, um processo segundo o qual ele toma consciência não apenas do sujeito que era antes de ser condenado, mas também do sujeito no qual está se tornando sob as pressões de um poder punitivo e disciplinar. Tal discussão será centrada na sua carta confessional *De Profundis*, mas também serão examinados textos seus menos discutidos no meio acadêmico brasileiro, como *Children in Prison and Other Cruelties of Prison Life*, ensaio que enviou ao editor do Daily Chronicle após sua libertação para denunciar a crueldade com que a prisão em que estava tendia a punir os internos mais jovens. Para além de examinar textos seus ainda subanalisados em relação às suas obras de ficção e poesia, este artigo busca expor uma dimensão da sua personalidade que, sujeita ao cotidiano e às pressões de um sistema carcerário, mostra-se muito mais frágil e dócil do que a do mordaz dândi e a do artista estrela cujas excentricidades acabaram por fazer com que a justiça vitoriana enfim o condenasse à prisão por indecência.

Palavras-chave: Oscar Wilde; literatura vitoriana; escrita prisional; poder disciplinar; homossexualidade.

Abstract: This article examines selected texts that Oscar Wilde (1854-1900) wrote during his time in Reading Gaol (1895-97) through the prism of contemporary theories on prison writing in order to identify how routine and the cruelty of his confinement led him to new knowledges about himself – particularly, to his realisation of a similarity between his own suffering and Christ's suffering. This article will show how this realisation consists of self-conscious process of reconceptualisation of the self – that is, a process according to which he comes to a realisation not only of the subject that he was before his sentence, but also of the subject that he is becoming under the pressures of punitive and disciplinary power. Such discussion will be centred on his confessional letter *De Profundis*, but I will also examine texts less discussed by Brazilian scholarship, such as *Children in Prison and Other Cruelties of Prison Life*, an essay that he sent to the editor of the Daily Chronicle after his release to denounce the cruelty with which Reading Gaol used to punish the younger inmates. Beyond examining texts by this author still under-examined in comparison to his works of fiction and poetry, this article seeks to expose a dimension of his personality that, subjected to the routine and the pressures of a prison system, proves to be much more fragile and docile than those of the caustic dandy and of the star artist whose eccentricities ended up leading Victorian justice to finally sentence him to prison for gross indecency.

Keywords: Oscar Wilde; victorian literature; prison writing; disciplinary power; homosexuality.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade de Coimbra (UC), Coimbra, Portugal.

Resumen: Este artículo examina textos que Oscar Wilde (1854-1900) ha escrito durante su pena en Reading Gaol (1895-97) a la luz de teorías contemporáneas acerca de la escritura de la cárcel para identificar como la rutina y la crueldad de su confinamiento le llevaron a nuevas maneras de saber acerca de si mismo – en particular, a su constatación de una similitud entre su sufrimiento y el sufrimiento de Cristo. Este artículo irá mostrar como tal constatación consiste en un proceso autoconsciente de reconcepción de si mismo – esto es, un proceso en el cual él viene a darse cuenta no solo del sujeto que era antes de su condenación, pero también del sujeto en el cual está se transformando bajo las presiones de un poder punitivo y disciplinar. Esta discusión será centrada en su carta confesional *De Profundis*, pero también serán examinados textos suyos menos discutidos en el medio académico brasileño, como *Children in Prison and Other Cruelties of Prison Life*, ensayo que ha enviado al editor del *Daily Chronicle* tras su liberación para denunciar la crueldad con la cual la prisión donde estaba acostumbraba punir los prisioneros más jóvenes. Mas allá de examinar textos suyos todavía subanalizados en contraste a sus trabajos de ficción y poesía, este artículo busca exponer una dimensión de su personalidad que, sujeta al cotidiano y a las presiones de un sistema carcelero, se muestra mucho más frágil y dócil que las del mordaz dandi y del artista estrella cuyas excentricidades acabaran por hacer con que la justicia victoriana le condenase a la prisión por indecencia.

Palabras clave: Oscar Wilde; literatura victoriana; escritura de la prisión; poder disciplinar; homosexualidad.

Introdução

Oscar Wilde (1854-1900) conheceu o jovem Alfred "Bosie" Douglas (1870-1945) na sua casa em Tite Street por meio do poeta Lionel Johnson (1867-1902), um primo de Bosie, na primavera de 1891 (ELLMANN, 1988, p. 403). A jovem beleza do rapaz e sua ingênua vocação para a poesia fizeram com que Wilde logo se afeiçoasse por ele, física e intelectualmente, dando início a um turbulento romance que, após cerca de quatro anos, culminaria na sua prisão por indecência. Parte dessa turbulência tinha por base o fato de que foi por influência de Bosie que Wilde começou a aliciar jovens rapazes a manterem relações sexuais com ele – normalmente em troca de jantares e presentes –, bem como a solicitar a prostituição de tantos outros, práticas que logo se desdobraram em uma espécie de competição entre o casal (ELLMANN, 1988, p. 482). Parte dessa turbulência, porém, também tinha por base os comportamentos egoístas e escandalosos de Bosie para com Wilde, em gran-

de medida motivados pela violenta relação que o jovem tinha com seu pai, John Sholto Douglas (1844-1900), então Marquês de Queensberry, reconhecidamente um sujeito bruto, sádico e irascível (ELLMANN, 1988, p. 480). Com efeito, o processo que levou Wilde a cair da fama à infâmia teve início em fevereiro de 1895, quando ele recebeu do porteiro do Albemarle Club, em Londres, um recado aberto no qual Queensberry o acusava de "posar como um somdomita [*sic*]" (ELLMANN, 1988, p. 538; RABY, 1997, p. xxi). É verdade, esse ataque direto a Wilde tinha para Queensberry a conveniência de ser também um ataque indireto a Bosie; mas seu objetivo maior com a mensagem era o de acabar de vez com o relacionamento entre os dois a fim de garantir que Bosie não tivesse um destino semelhante ao de Francis, seu irmão mais velho, morto havia pouco tempo em um provável caso de suicídio relacionado, justamente, à sua homossexualidade (ELLMANN, 1988, p. 524-525).

Seja como for, insultado com a atitude de Queensberry, e encorajado por Bosie, que via nisso uma possibilidade de vingança pessoal contra o pai, Wilde acionou a polícia e a justiça para processá-lo por calúnia e difamação – mas tal estratégia acabou por ter para ele um efeito contrário: ao longo do julgamento, veio a ficar claro não apenas que Wilde estava, de fato, envolvido com Bosie, mas que também estava envolvido no aliciamento e na solicitação de prostituição de uma grande quantidade de outros jovens rapazes (ELLMANN, 1988, p. 542-543; HYDE, 1962, p. 222-273). É provável que o envolvimento de Wilde com Bosie lhe causasse alguma má fama após vir a público, mas, por serem dois adultos da elite em consentimento, é possível que apenas isso não o levasse a ser condenado à prisão. Para Wilde, no fim, esse relacionamento veio a se tornar um verdadeiro problema na medida em que acabou por dar prova e credibilidade ao seu envolvimento com tais rapazes, prática de fato condenável aos olhos da justiça vitoriana.

No entanto, embora Wilde tenha sido condenado à prisão sobretudo por sua indecência em ter aliciado e solicitado a prostituição desses

jovens, a noção jurídica de "indecência", à qual os advogados de Queensberry recorreram para condená-lo, estava fundamentada em uma questão moral extremamente controversa.

O Ato de Emenda à Lei Criminal de 1885, à luz do qual Wilde foi formalmente condenado, era um conjunto de leis bastante inovador à época que tinha como principal objetivo "criar novas provisões para a proteção de mulheres e garotas, e para outros propósitos" (LONDRES, [1885]), em particular contra violências cometidas por homens mais velhos. Esse objetivo fica bastante claro ao longo dos Parágrafos de 3 a 10, que, com efeito, estipulam medidas para proteger mulheres e garotas de violências como estupro, pedofilia, cárcere privado e tantas outras relacionadas ou propícias à exploração sexual. Seu Parágrafo 11 – também conhecido como Emenda Labouchère² –, porém, embora seja proposto na sequência de tais medidas, é elaborado a partir de uma perspectiva bastante distinta, a qual toma como objeto de interesse diversos tipos de relacionamento de ordem sexual, especificamente entre indivíduos masculinos.

Esse parágrafo estipula o seguinte:

Afrontas por indecência.

11. Qualquer pessoa do sexo masculino que, em público ou em privado, cometa, tome parte da comissão, solicite ou tente solicitar a comissão de qualquer pessoa do sexo masculino para qualquer ato de vil indecência com outra pessoa do sexo masculino, será culpada por má conduta e, tendo sido condenada por isso, estará sujeita, segundo o poder de decisão da corte, a ser encarcerada por qualquer período não superior a dois anos (LONDRES, [1885], § 11, tradução nossa).

Como se vê, o cenário jurídico criado por esse Ato era controverso porque, embora seu principal objetivo fosse proteger a sociedade de diversas práticas de violência sexual, ele continha uma regulamentação que também tomava como indecente e criminoso qualquer relacionamento de

ordem sexual entre indivíduos masculinos. Uma importante conclusão a se tirar do texto desse Ato, e do cenário jurídico por ele criado, é então a de que Wilde foi, sim, corretamente condenado à prisão por ter aliciado e solicitado a prostituição de tais rapazes, uma vez que muitos deles provavelmente se encontravam em posição de vulnerabilidade; mas tal condenação era em si moralmente questionável na medida em que se fundamentava em uma lei criada a partir de valores sociais avessos à homossexualidade como um todo (HYDE, 1962, p. 269-273). Dessa forma, vê-se que o Parágrafo 11 desse Ato tinha alguma vantagem prática no sentido de buscar proteger tais rapazes de diferentes formas de exploração sexual, em particular por parte de homens mais velhos – o que obviamente era o caso de Wilde; mas sua lógica jurídica era problemática por antes de mais nada partir da homossexualidade como uma prática afrontosa e criminosa – inclusive de natureza tão grave quanto a do crime de exploração sexual entre indivíduos masculinos, tanto que a pena de reclusão para todos era a mesma: até dois anos de cárcere.

Seja como for, é importante notar como esse Ato acabou por se mostrar muito conveniente a Queensberry: por meio dele, seus advogados foram ao mesmo tempo capazes de incriminar Wilde – segundo a lei, um homem mais velho dado à indecência – e de inocentar Bosie – segundo a lei, um jovem rapaz explorado por esse homem. É curioso, assim, perceber uma certa ironia trágica nesse processo que levou Wilde a ser condenado à prisão: por um lado, fato é que ele cometeu uma espécie de húbri, de desmedida, ao se deixar levar por seus prazeres e se envolver com tais rapazes; mas, por outro, fato é, também, que tal húbri permitiu a um pária como Queensberry explorar a lei em seu favor com toda coerência, vindo a transformar o

² Esse Parágrafo 11 foi proposto por Henry Labouchère (1831-1912), então membro do parlamento britânico por Middlesex. Não se sabe ao certo o que motivou Labouchère a propor essa emenda de última hora: é possível que ele, sendo contra o Ato, a tenha proposto para criar contradições de sentido internas, invalidando o texto como um todo; mas é possível que ele, sendo favorável à intenção do Ato de maneira geral, a tenha proposto para incluir medidas mais rigorosas contra a homossexualidade e a prostituição de jovens garotos. De todo modo, quaisquer que tenham sido suas intenções, o principal efeito desse Parágrafo 11, ao ser proposto como parte desse Ato, é o de criminalizar diversas práticas de ordem sexual entre indivíduos masculinos (é possível conferir essas informações em *Who is Who in Gay and Lesbian History*, de Aldrich e Wotherspoon, publicado em 2001, entre as páginas 298 e 299, e em *Sodom on the Thames*, de Kaplan, publicado em 2005, entre as páginas 220 e 246).

próprio Wilde em um pária cujas ações tinham por base indecências supostamente intrínsecas à sua orientação sexual.

A questão da homossexualidade de Wilde era de fato tão fundamental para seu julgamento, que foram muitas as referências feitas pelo lado da acusação inclusive à sua literatura – mais especificamente, às suas supostas apologias a um homoerotismo na literatura clássica (HYDE, 1962, p. 200-201), nos sonetos de William Shakespeare (HYDE, 1962, p. 112-113) e, sobretudo, no seu po-lêmico *O Retrato de Dorian Gray* (1890).

Em certo ponto de uma das acusações foi relatado o seguinte:

E que o referido Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde, no mês de julho do ano de mil oitocentos e noventa do Nosso Senhor, de fato escreveu e publicou, e causou e solicitou que fosse impresso e publicado com seu nome sobre a página-título, um certo imoral e obsceno trabalho na forma de uma narrativa intitulada "O Retrato de Dorian Gray", e que tal trabalho foi concebido para, e objetivava, segundo o referido Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde e tal como foi compreendido por seus leitores, descrever as relações, intimidades e paixões de certas pessoas por hábitos, gostos e atos sodomíticos e não naturais (HYDE, 1962, p. 326; tradução nossa).

No prefácio de *O Retrato de Dorian Gray*, Wilde escreve que não há livros morais ou imorais, apenas livros bem ou mal escritos (WILDE, 2007, p. 3), e sua literatura ter sido usada para embasar sua condenação por indecência mostra que há mesmo alguma verdade nisso: o que determina a moralidade ou a imoralidade de uma obra de arte não é a obra em si, mas o contexto social em que ela se insere – e o contexto social em que Wilde se viu inserido estava claramente predisposto a condená-lo por sua homossexualidade. É verdade, seu estelato, seus discursos cáusticos e o frenesi midiático criado em torno dele próprio e de seu julgamento, certamente contribuíram para formar uma opinião pública favorável à sua condenação; mas, fato é que, durante seu julgamento, suas obras passaram mesmo a ser lidas como homoeróticas – por alguns com certeza mais deliberadamente do que

por outros –, vindo a contribuir para a construção de toda uma imagem sua de criminoso imoral e indecente perante a sociedade inglesa da época.

Após sua condenação, em maio de 1895, Wilde foi enviado ao Centro de Detenção de Newgate, no centro de Londres, e então à Prisão de Pentonville, no norte da cidade. Em julho, ele foi enviado à Prisão de Wandsworth, no sul da cidade, e, por fim, no mês de novembro, após ser declarado falido, foi enviado à Reading Gaol,³ situada cerca de 60 quilômetros a oeste de Londres (RABY, 1997, p. xxi). Em Pentonville, Wilde teve seu real primeiro contato com a vida carcerária, vindo a sofrer com desintéria e desnutrição em decorrência das péssimas refeições oferecidas pelo lugar e vendo-se obrigado a se sujeitar a trabalhos braçais como costurar bolsas, coser tecidos e separar fibras de estopa (ELLMANN, 1988, p. 586; NELSON, 2015). Já em Reading Gaol, ele viria a se ocupar sobretudo do jardim e da biblioteca, assumindo, nesse segundo caso, a responsabilidade de zelar pelos livros e de distribuí-los aos prisioneiros (ELLMANN, 1988, p. 604).

Durante a maior parte do seu tempo em Reading Gaol, Wilde só tinha acesso a materiais de escrita para redigir mensagens breves e informativas, em geral relacionadas a problemas financeiros, legais e pessoais decorrentes da sua condenação (WILDE, 1988, p. 652-682). No final de 1896, porém, o Major James Nelson (1859-1914), novo diretor da prisão, concedeu a Wilde uma maior liberdade para utilizar tais materiais (ELLMANN, 1988, p. 604), e o principal produto desse seu novo direito à escrita foi uma longa carta confessional e sem título, redigida entre dezembro de 1896 e março de 1897 e dirigida a ninguém menos que Alfred "Bosie" Douglas (RABY, 1997, p. xxii). Em maio do mesmo ano, já em exílio na cidade de Dieppe, na França, Wilde viria a pedir para que o jornalista Robert Ross (1869-1918) – também um antigo amante seu – enviasse essa carta a seu devido destinatário, o qual possivelmente nunca chegou a lê-la (ELLMANN, 1988, p. 643; WILDE, 1988, p. 683, p.

³ A palavra gaol deve ser lida como a palavra jail e tem o mesmo significado: prisão ou cadeia.

780). A partir de 1905, várias edições desse manuscrito viriam a ser tipografadas e publicadas com base em uma "versão literária" proposta por Ross, permeada por omissões, rasuras e emendas feitas por ele próprio, de modo a deixar de fora as brigas pessoais entre Wilde e Bosie; tais edições viriam a desenvolver muitas discrepâncias entre si, mas acabariam por ter sempre o mesmo título, também proposto por Ross: *De Profundis*. Em 1962, Sir Rupert Hart-Davis (1907-1999), um renomado editor britânico, viria então a se unir a Merlin Holland (1946-), neto de Wilde, para finalmente publicar uma versão integral dessa carta – mas de modo algum isenta de possíveis erros de transcrição (GUY; SMALL, 2006, p. 125) –, a qual acabou por vir a público junto a tantas outras na antologia *The Complete Letters of Oscar Wilde* (1988).⁴

É essa versão que irei discutir nas próximas páginas.

A Carta

Os leitores interessados na carta *De Profundis* não devem lê-la na expectativa de encontrarem nela alguma coerência, coesão ou continuidade, uma vez que ela não é, por assim dizer, uma obra propriamente literária ou artística, concebida de maneira orgânica ou com algum apelo específico. Redigida ao longo de quatro meses, em quarenta fólios, frente e verso, entre borrões, rasuras e palavras ilegíveis, permeada por repetições, contradições e incongruências,⁵ ela trata basicamente de três assuntos: problemas pessoais entre Wilde e Bosie, relatos em primeira mão de Wilde sobre sua estada no cárcere e seus longos exames de consciência a respeito de sua vida, arte e ruína.

Os problemas pessoais entre Wilde e Bosie compreendem principalmente seus rompimentos e reconciliações e suas motivações para tanto – como os escândalos privados e em público do

rapaz, suas constantes demandas por atenção, aprovação e dinheiro, as boas e sobretudo as más influências de sua família sobre Wilde etc. (WILDE, 1988, p. 683-688, 694-696, 717-719, 775-776). Os relatos de Wilde sobre sua estada no cárcere compreendem principalmente seu ritual de práticas monitoradas – como sua tarefa de limpar sua cela todas as manhãs, seus trabalhos forçados e enfadonhos, sua solidão sistemática, sua rotina de dores físicas e psicológicas etc. (WILDE, 1988, p. 732, 748-749). Por fim, seus exames de consciência podem ser identificados sobretudo no seu reconhecimento solitário de que o pesar (*sorrow*) é um sentimento criador de caráter, bem como no seu retorno à escrita como estratégia para se recriar a si mesmo como um novo indivíduo pesaroso (WILDE, 1988, p. 740-751).

Neste artigo, não irei tratar dos problemas pessoais entre Wilde e Bosie; não farei isso porque, enquanto as tensões entre eles ao longo do julgamento de Wilde são relativamente claras graças à grande quantidade de cartas e transcrições do processo (WILDE, 1988, p. 639-838; HYDE, 1962, p. 97-316), as tensões que surgiram entre eles ao longo de seus cerca de quatro anos de relacionamento são muitas vezes obscuras, lacunares e contraditórias – e é claro que Wilde não é um narrador confiável para podermos avaliar essas tensões com base na sua carta. Ao mesmo tempo, o que ele escreve sobre sua estada na prisão e seus exames de consciência são materiais muito ricos e consistentes para compreendermos sua "escrita do cárcere" – em particular, a maneira como sua rotina no cárcere o levou a reconceber sua individualidade à luz de uma associação entre o seu sofrimento e o sofrimento de Cristo.

Escrevendo do cárcere

Sarah Colvin, em um artigo recente sobre o tema, propõe a "escrita do cárcere" como um

⁴ Essa antologia, porém, não está completa. Está de fora, por exemplo, uma carta que Wilde escreveu a Charles Godfrey Leland (1824-1903) no outono de 1879. Wilde só faz uma referência a Heinrich Heine (1797-1856) nos seus trabalhos, mas essa carta mostra que ele conhecia sua literatura relativamente bem por meio de sua mãe, Lady Jane "Speranza" Wilde (1821-1896), e do próprio Leland, que à época era o principal tradutor de Heine para o inglês (ver WRIGHT, 2019). É provável que Wilde também conhecesse a obra de Heine por meio de Matthew Arnold, estudioso desse classicista alemão e um dos principais precursores de Wilde no Esteticismo Britânico.

⁵ Imagens do manuscrito original podem ser encontradas em domínio público no site da British Library, onde está guardado: <https://www.bl.uk/collection-items/manuscript-of-de-profundis-by-oscar-wilde>. Acesso em: 9 set. 2022.

processo de pensamento e registro conduzido por um sujeito com experiência na rotina interna da prisão para revelar ao mundo exterior formas "desqualificadas" de saber produzidas nesse espaço, formas de saber que esclareçam como sua experiência ali é real e, por isso mesmo, significativa para que sua vida e as dos demais prisioneiros sejam contadas pela sociedade como "humanas" (COLVIN, 2021, p. 21).

Ao compreender a escrita do cárcere como uma forma "desqualificada" de saber, Colvin remonta à ideia de Michel Foucault de que toda teoria funcionalista e sistematizadora é sempre composta, mas também relativizada por "saberes subjugados", isto é, por saberes menores, locais, marginais, contingentes etc. localizados abaixo de requisitos mínimos de cientificidade (GORDON, 1980, p. 80-82). Pensemos, por exemplo, como o saber da medicina é composto mas também relativizado pelos saberes do paciente, do doente, da enfermeira e do médico (GORDON, 1980, p. 80); como o saber da sexualidade é composto mas também relativizado pelos saberes do amante, do promíscuo, da prostituta, do estupro e do estupro; ou, enfim, como o saber do cárcere é composto mas também relativizado pelos saberes do criminoso, do delinquente, do carcereiro e do prisioneiro. Para Colvin e Foucault, a importância de se estudar esses "saberes subjugados" está no fato de que eles acabam por providenciar novas perspectivas para o que podemos entender como um "saber histórico das lutas" (GORDON, 1980, p. 83; COLVIN, 2021, p. 21-22): estudar tais saberes implica em esclarecer como e por que, ao longo da história, eles acabaram justamente por se sedimentar como desqualificados ou subjugados muito embora fossem evidências das realidades de certas pessoas, enquanto tantos outros saberes vieram a se consolidar como qualificados e dominantes, muito embora se propusessem como normalizações e projeções dessas realidades.

Ao compreender a escrita do cárcere como uma "estratégia de humanização", Colvin (2021) remonta, por sua vez, à ideia de Judith Butler de que diferentes sociedades ou grupos sociais,

em diferentes momentos e circunstâncias, determinam seus próprios critérios para considerar ou desconsiderar certas vidas como humanas (BUTLER, 2004, p. 20). Pensemos, por exemplo, como atos de violência nos parecem mais terríveis e condenáveis quando cometidos contra sujeitos brancos, ricos e heterossexuais do que quando cometidos contra sujeitos negros, indígenas, pobres, gays, transexuais etc.; pensemos, com efeito, como os primeiros têm melhor acesso à justiça e a serviços de saúde, enquanto os segundos sofrem sistematicamente com a injustiça social e a truculência policial; ou pensemos, enfim, como a tortura, a humilhação, a alienação, a privação e o trabalho forçado nos parecem castigos razoáveis – métodos cabíveis de vigilância, punição e disciplina – quando aplicados sobre criminosos em um sistema carcerário. Para Colvin (2021, p. 21-22) e Butler (2004, p. 20-21), a importância de estudar essas "estratégias de humanização e desumanização" está no fato de que elas acabam por providenciar novas perspectivas para o que podemos entender como os "critérios para que certas vidas sejam dignas de pesar": estudar tais critérios implica em esclarecer como e por que, ao longo da história, diversas sociedades e grupos sociais se valeram deles para considerar certas vidas como humanas – vidas portanto dignas de pesar – e para desconsiderar tantas outras como tal – vidas portanto indignas de pesar.

À luz dessas teorias de Foucault e Butler, o artigo de Colvin (2021) se mostra particularmente notável porque ele então propõe localizar a escrita do cárcere na fronteira entre "saberes qualificados" ou "saberes normativos", com base nos quais uma sociedade estabelece seus próprios critérios de humanidade, e "saberes desqualificados" ou "saberes subjugados", com base nos quais o prisioneiro, a partir da sua posição de sujeito desumanizado, busca defender sua condição de humano diante de tal sociedade e em confronto a seus critérios de humanidade e não humanidade.

Na obra de Wilde, um exemplo bastante claro dessa proposta de Colvin (2021) é seu menos conhecido *Crianças na Prisão e Outras Crueldades*

da *Vida no Cárcere* (1897), um breve ensaio que ele enviou ao Daily Chronicle para expressar sua indignação com o tratamento dado às crianças encarceradas em Reading Gaol.

Ao ficar sabendo que um dos guardas dessa prisão foi demitido por oferecer um biscoito a uma criança com fome, Wilde elabora a seguinte reflexão sobre a lógica de funcionamento do sistema prisional:

As pessoas hoje não entendem o que é a crueldade. Elas a veem como uma espécie de paixão medieval terrível e a conectam à estirpe de homens como Ezzelino da Romano⁶ e outros para quem a inflição deliberada da dor providenciava uma verdadeira loucura de prazer. Mas homens do tipo de Ezzelino são meramente tipos anormais de individualismo pervertido. Crueldade ordinária é simplesmente estupidez. Ela deriva da mais completa falta de imaginação. Resulta, nos nossos dias, de sistemas estereotipados, de regras simples e rápidas, de centralização, oficialismo e autoridade irresponsável. Onde quer que haja centralização, há estupidez. O que é inumano na vida moderna é o oficialismo. A autoridade é tão destrutiva para aqueles que a exercem quanto para aqueles sobre quem é exercida. A Diretoria da Prisão, com o sistema que põe em prática, é a fonte primária da crueldade exercida sobre uma criança na prisão. As pessoas que sustentam o sistema têm ótimas intenções. Aqueles que o colocam em prática também são humanos em intenção. A responsabilidade é transferida para as regulações disciplinares (WILDE, 2013, p. 2, tradução nossa).

Ele elabora então a seguinte reflexão sobre a condição das crianças encarceradas:

O atual tratamento das crianças é terrível, em particular o tratamento por parte daqueles que não entendem a peculiar psicologia da natureza de uma criança. Uma criança é capaz de compreender um castigo infligido por um indivíduo, como um pai ou responsável, e é capaz de suportá-lo com certa aquiescência. O que ela não é capaz de compreender é um castigo infligido pela Sociedade. Ela não é capaz de entender o que é uma Sociedade. Com adultos, claro, acontece o oposto. Aqueles de nós que estão ou estiveram na prisão são capazes de entender, e de fato entendem, o que a força coletiva chamada Sociedade significa, e, o que quer que pensemos de seus métodos ou reivindicações, nós conseguimos nos forçar a aceitá-los. Um castigo infligido sobre nós por um indivíduo, por outro lado, é uma coisa que nenhum adulto suporta e não se espera que suporte (WILDE, 2013, p. 3, tradução nossa).

E, por fim, conclui:

A criança [...], tendo sido retirada de seus pais por pessoas que nunca viu e sobre quem não sabe nada, vindo a se encontrar em uma cela solitária e estranha, sendo aguardada por rostos desconhecidos, recebendo ordens por todos os lados e sendo castigada por representantes de um sistema que não é capaz de entender, imediatamente se torna uma presa para a primeira e mais proeminente emoção produzida pela vida prisional moderna – a emoção do terror. O terror de uma criança em uma prisão não tem limites. Lembro-me, certa vez em Reading, enquanto saía para me exercitar, de ver um jovem rapazinho em uma cela mal iluminada oposta à minha. Dois guardas, não de todo grosseiros, conversavam com ele, com aparente severidade, talvez dando-lhe alguma recomendação útil sobre sua conduta. Um estava na cela com ele, enquanto o outro se mantinha em pé do lado de fora. O rosto do garoto era uma forma pálida de puro terror. Havia em seus olhos o apelo mudo de um animal sendo caçado. Na manhã seguinte, eu o ouvi chorando durante o desjejum, pedindo para que fosse solto. Ele chorava porque queria seus pais. De tempos em tempos, eu podia ouvir a voz grave do guarda em serviço avisando-o para que ficasse em silêncio. E o garoto, porém, nem mesmo havia sido condenado pelo pequeno crime qualquer do qual havia sido acusado. Ele estava lá simplesmente em detenção (WILDE, 2013, p. 3, tradução nossa).

Antes de mais nada, é importante reconhecermos nesse relato de Wilde alguns dos métodos punitivos e disciplinares típicos de um sistema prisional discriminados por Foucault no seu bem conhecido *Vigiar e Punir* (1975, 1978): tomemos, por exemplo, a singularização do indivíduo a fim de que seja punido e disciplinado em sua pessoa – como vemos na divisão em celas, no enclausuramento, no isolamento e na intervenção dos guardas diretamente sobre o jovem prisioneiro – (FOUCAULT, 1978, p.141-149); a generalização do indivíduo a fim de que seja punido e disciplinado como parte de uma massa de criminosos – como vemos nas rotinas coletivas e nos espaços e tratamentos comuns na hora das refeições – (FOUCAULT, 1978, p.149-153); e, enfim, a desumanização do indivíduo a fim de que tenha sua identidade ou personalidade criminosa reformada em uma nova identidade ou personalidade arrependida, disciplinada e

⁶ Ezzelino da Romano (1194-1259) foi um senhor feudal italiano extremamente cruel com seu povo.

consciente das suas ações passadas, presentes e futuras – como vemos nos castigos sobre o corpo, a mente e o espírito, por meio da crueldade, do terror, da fome, do desconforto, do desamparo, da solidão, do silenciamento, da introspecção e da obediência (FOUCAULT, 1978, p. 154-155).

No entanto, o relato de Wilde também é importante por corroborar muito do que Colvin (2021) propõe no seu ensaio: nesse relato, ele se vale dos seus saberes “desqualificados” ou “subjugados” enquanto prisioneiro para esclarecer como o sistema carcerário desumaniza prisioneiros crianças por meio de diversas táticas de crueldade – táticas que, pelo ver, começam a ser aplicadas já pelo próprio sistema de justiça, afinal, segundo Wilde, ninguém nem mesmo parecia saber por que o jovem havia sido detido ali. Nesse texto, o que Wilde faz, então, é detalhar uma série de constatações e conclusões de sua parte enquanto sujeito encarcerado a fim de revelar ao mundo exterior táticas de crueldade do interior da prisão articuladas com o objetivo de desumanizar sujeitos já em parte desumanizados por sua própria justiça – projeto de denúncia que acaba por ter dois efeitos: primeiro, contribuir para que a vida dessas crianças contem como humanas e, assim, como dignas de atenção, empatia, compreensão e pesar por parte da sociedade; e, segundo, e por extensão, contribuir para que essa sociedade compreenda como ela muitas vezes se engana ao acreditar que está punindo e disciplinando essas crianças de maneira apropriada enviando-as à prisão.

Agora, se em *Crianças na Prisão* Wilde propõe uma análise objetiva dos efeitos da disciplina prisional sobre tais prisioneiros, na carta *De Profundis* ele propõe uma análise introspectiva dos efeitos dessa disciplina sobre ele próprio enquanto prisioneiro – em particular, como antecipei acima, análises sobre a maneira como sua rotina no cárcere o levou a reconceber sua individualidade à luz de uma associação entre o seu sofrimento e o sofrimento de Cristo.

Wilde escreveu no início da carta:

Três anos é muito tempo para você [Bosiel] voltar no passado. Mas, nós que estamos na

prisão, em cujas vidas não há nenhum evento senão pesar, temos que medir o tempo por pulsações de dor e pelo recorde de momentos amargos. Não temos nada mais para pensar. O sofrimento – por mais curioso que isso possa soar para você – é o meio pelo qual existimos, porque é o único meio pelo qual tomamos consciência de existirmos; e a lembrança do sofrimento passado é necessária para nós como a garantia, como a evidência, da continuação da nossa identidade. Entre mim e a memória da alegria há um golfo não menos profundo do que aquele entre mim e a alegria de fato. Se nossa vida juntos tivesse sido como o mundo pensava que fosse, uma vida simplesmente de prazeres, extravagâncias e risadas, eu não seria capaz de me lembrar de uma passagem que fosse. É por que ela foi repleta de momentos e dias trágicos, amargos, sinistros em seus avisos, tediosos ou horríveis em suas cenas monótonas e violências desconcertantes, que eu consigo ver ou ouvir cada um dos incidentes em detalhes – eu, de fato, consigo ver ou ouvir pouco mais do que isso. Tanto vivem os homens de dor nesse lugar, que minha amizade com você, pela maneira como sou forçado a me lembrar dela, se mostra para mim sempre como um prelúdio consonante com aqueles vários modos de angústia que eu a cada dia tenho que compreender – digo, em verdade, que até mesmo necessito deles: como se minha vida, como quer que ela tenha parecido para mim e para outros, tivesse sempre sido uma verdadeira Sinfonia de Pesar, atravessando seus movimentos ritmicamente ligados até sua derradeira resolução, com toda aquela inevitabilidade que, na Arte, caracteriza o tratamento de todo nobre tema (WILDE, 1962, p. 696, tradução nossa).

Como vemos, um saber “desqualificado” bastante singular exposto por Wilde nesse parágrafo é sua reconcepção do tempo exterior e cronológico – estruturado em intervalos mensuráveis – em uma espécie de tempo interior e cíclico – estruturado em ruminações introspectivas sobre eventos passados trazidos à tona pela solidão e pelas crueldades impostas pelo sistema prisional.

Em outro ponto de seu livro, Foucault explica como essa reconcepção do tempo é um efeito importante em táticas de isolamento por culminar em que o prisioneiro experimente um “choque terrível” sobre as ações que o levaram à prisão – um choque cujo objetivo é, portanto, protegê-lo de más influências passadas e futuras e capacitá-lo a mergulhar em si mesmo para redescobrir nas profundezas da sua consciência uma nova compreensão sobre o bem e o mal. Esse trabalho solitário de ruminação e introspecção,

Foucault continua, acaba por se desdobrar não apenas em um aprendizado, mas também em um exercício de conversão espiritual, posto que não apenas rearranja os interesses próprios ao *homo oeconomicus* – o sujeito governável e produtivo à sociedade –, mas também os imperativos próprios ao sujeito moral – o sujeito consciente de sua capacidade de discernir entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto etc. (FOUCAULT, 1978, p. 122-123).

Esse “choque terrível” pode, com efeito, ser reconhecido ao longo de toda a carta de Wilde: em uma dimensão mais mundana, podemos reconhecê-lo na relembração de ações passadas suas e na separação dessas ações entre louváveis e condenáveis – como sua dedicação à arte e seu apelo a ela como tentativa de desconstruir a moralidade vitoriana (WILDE, 1988, p. 709) ou sua condescendência com Bosie e sua submissão a ele como oportunidade de experimentar prazeres mais intensos (WILDE, 1988, p. 736, 776); em uma dimensão mais introspectiva, podemos reconhecê-lo na sua constatação de que o pesar é o sentimento principal e mais complexo que ele terá que trabalhar para conseguir reformar a si próprio em um novo sujeito capaz de viver em paz com a sociedade (um sujeito governável e produtivo) e consigo mesmo (um sujeito moralmente consciente de suas ações e das ações dos outros).

Ele escreve em momentos de melancolia:

A memória de nossa amizade é a sombra que caminha comigo aqui; que parece nunca me deixar; que me acorda durante a noite para repetir e repetir a mesma história até que sua cansativa iteração faz com que todo o sono me abandone até o nascer do sol; ao nascer do sol, ela começa de novo; ele me persegue até o jardim da prisão e me faz conversar comigo mesmo enquanto me arrasto por meu caminho em círculo; cada detalhe que acompanhou cada terrível momento eu sou obrigado a relembrar (WILDE, 1988, p. 706, tradução nossa). O sofrimento é um longo momento. Não podemos dividi-lo em estações. Só podemos registrar seus ânimos e narrar seu retorno. Com nós, o tempo ele mesmo não progride. Ele se revolve. Ele parece circundar o centro de dor de uma pessoa. A imobilidade paralisante de uma vida, cujas circunstâncias são todas reguladas segundo um padrão que nunca muda, de modo que nós comemos e bebemos e caminhamos

e nos deitamos e rezamos, ou nos ajoelhamos ao menos para rezar, de acordo com as inflexíveis leis de uma fórmula de ferro. [...] O próprio sol e a lua parecem ter sido tirados de nós. Do lado de fora, o dia pode estar azul e dourado, mas a luz que se arrasta pelo grosso abafamento da vidraça da pequena janela com grades de ferro sob a qual nos sentamos é cinza e miserável. É sempre crepúsculo nas nossas celas, da mesma forma que é sempre meia-noite nos nossos corações. E, na esfera do pensamento, não menos do que na esfera do tempo, não há mais qualquer movimento (WILDE, 1988, p. 720, tradução nossa).

O pesar, então, e tudo o que ele é capaz de ensinar, é meu novo mundo. Eu costumava viver inteiramente para o prazer. Eu evitava pesares e sofrimentos de todos os tipos. Odiava-os a ambos. Resolvi que iria ignorá-los tanto quanto possível, que iria tratá-los, por assim dizer, como modos de imperfeição. Eles não eram parte do meu esquema de vida. Eles não tinham lugar na minha filosofia (WILDE, 1988, p. 736, tradução nossa).

E então escreve sobre sua reinterpretação do seu sofrimento à luz do de Cristo:

Eu vejo uma conexão muito mais íntima e imediata entre a vida verdadeira de Cristo e a vida verdadeira do artista, e muito me compraz a ideia de que bem antes de o Pesar tivesse tomado conta dos meus dias e tivesse me amarrado às voltas de sua roda, eu já havia escrito em *O Espírito do Homem* que aquele que vive uma vida como a de Cristo deve ser inteira e absolutamente si mesmo, e já havia tomado como meus tipos não simplesmente o pastor na montanha e o prisioneiro em sua cela, mas também o pintor para quem o mundo é um cortejo e o poeta para quem o mundo é música. [...]

O lugar de Cristo é, de fato, com os poetas. Toda sua concepção de Humanidade brotava da imaginação e só podia ser realizada por ela. O que Deus era para o Panteísta, o homem era para Cristo. [...]

A cerimônia de coroação do Pesar [é] uma das coisas mais belas em todo o tempo de que se tem registro: a crucificação do Inocente diante dos olhos de sua mãe e dos discípulos que tanto amava; os soldados, apostando por suas roupas; a terrível morte por meio da qual ofereceu ao mundo seu símbolo mais eterno; e seu final sepultamento na tumba de um homem rico, seu corpo envolvido em linho egípcio, com especiarias e perfumes caros, como se fosse filho de um Rei. [...]

E, acima de tudo, Cristo é o maior dos individualistas. A humildade, como a aceitação artística de todas as experiências, é simplesmente um modo de manifestação. É da alma do homem que Cristo está sempre em busca. Ele a chama de Reino de Deus [...] e a encontra em todos. Ele a compara a coisas pequenas, uma sementinha, um punhado de levedura, uma pérola. É porque alguém só é capaz de compreender

sua alma desfazendo-se de todas as suas paixões alheias, de toda cultura adquirida e de todas as posses exteriores, sejam elas boas ou más (WILDE, 1988, p. 740-744, grifo do autor, tradução nossa).

Embora Wilde seja normalmente associado ao Decadentismo Britânico, um movimento artístico fundamentado em uma ideologia de excessos e artificialidades, ele a rigor estava associado ao Esteticismo Britânico, um movimento de contracultura solidário ao Decadentismo Britânico e à sua ideologia, mas fundamentado, sobretudo, em diferentes estratégias de recepção clássica – entendidas, no caso, como diferentes estratégias de reinterpretação criativa dos clássicos à luz de problemas modernos (SMITH; HELFAND, 1989, p. 5-27; EVANGELISTA, 2009, p. 125-157). Em parte, esse interesse dos esteticistas⁷ pelos clássicos tinha por base a maneira saudável com a qual os clássicos – em particular obras da cultura grega – tratavam da relação entre intelectualidade e materialidade, isto é, da relação entre inteligência e aspectos mais materiais e corporais como a sensualidade, o erotismo, o ócio, o prazer, a contemplação etc. Em parte, porém, esse interesse dos esteticistas pelos clássicos também tinha por base o fato de que os clássicos, justamente por conta dessa maneira saudável com a qual tratavam da relação entre intelectualidade, materialidade e corporeidade, forneciam-lhes recursos éticos, estéticos e epistemológicos para desafiar um moralismo vitoriano amplamente fundamentado em uma moral cristã. Já valendo-me de termos empregados pelos próprios esteticistas (ARNOLD, 2006, p. 95-105), podemos entender o pensamento do movimento, então, como uma constante tensão entre preceitos do “hebraísmo” – um estilo de vida pastoral segundo o qual as pessoas devem abdicar de si mesmas, de suas buscas por verdades e de seus prazeres do corpo em favor da salvação de suas almas – e preceitos do “helenismo” – um estilo de vida individualista segundo o qual as pessoas devem se dedicar a si mesmas, às suas buscas por verdades e aos seus prazeres do corpo a

fim de que possam viver bem consigo mesmas e em sociedade. Embora o Esteticismo Britânico não buscasse de modo algum acabar com o hebraísmo em favor do helenismo, para compreendermos melhor a carta de Wilde é importante termos em mente como esse movimento e por extensão o próprio Wilde tomavam o hebraísmo como um adversário teórico e o helenismo como um aliado teórico: em geral, para os esteticistas, uma boa vida consigo mesmo e com as outras pessoas em sociedade exige uma dedicação a si mesmo, não uma abdicação de si mesmo; ela exige uma busca por verdades, não uma complacência com a impossibilidade de compreensão; ela exige, enfim, uma exploração ousada dos prazeres do corpo, não um adestramento ou uma abstinência deles.

Reiteramos aqui esses aspectos fundamentais do pensamento esteticista porque, como podemos ver pelos excertos da carta que traduzimos acima, o pensamento de Wilde acabou por sofrer algumas reviravoltas após sua condenação e sob a crueldade dos métodos punitivos e disciplinares empregados pela prisão: mais especificamente, esses excertos mostram como Wilde, sob as coerções do cárcere, acabou por reabilitar certos aspectos do hebraísmo que por muito tempo ele havia antagonizado a fim de reconstruir sua concepção de si mesmo enquanto indivíduo – como vemos pelo tom melancólico de suas ponderações, um indivíduo não mais movido por uma ousadia da intelectualidade e dos prazeres, mas sim pelo comedimento deles. Claro, Wilde de modo algum se manifesta contra experimentações com o intelecto e os prazeres, práticas tão caras ao Esteticismo Britânico e a ele próprio; o que ele faz, antes, é reconceber os fundamentos, as intenções e os limites dessas experimentações. Para ele, se antes do cárcere elas tinham como horizonte a construção de um sujeito radicalmente subversivo à moralidade e ao filistinismo vitorianos – um novo helenista em busca de aperfeiçoar a si mesmo por meio de uma exploração irrefreada das vontades do

⁷ Podemos pensar, de modo amplo, em John Ruskin (1819-1900), Matthew Arnold (1822-1888), Walter Pater (1839-1894), John Addington Symonds (1840-1893), Vernon Lee (1856-1935), Katherine Bradley (1846-1914), Edith Cooper (1862-1913), dentre outros.

intelecto, do corpo e do espírito –, após o cárcere elas passaram a ter como horizonte a construção de um sujeito conscientemente pesaroso de seus excessos em meio à moralidade e ao filistinismo vitorianos – um novo hebraísta em busca de aperfeiçoar a si mesmo por meio de um comedimento consciente das vontades do intelecto, do corpo e do espírito.

Fique claro, porém, que essa mudança de perspectiva não é de modo algum um conformismo categórico: se antes do cárcere Wilde seguia uma filosofia de vida helenista fundamentada em uma progressiva centralização das vontades do indivíduo – vide sua exploração intensa de seu intelecto e de seus prazeres –, ao longo do cárcere ele passou a considerar os detalhes de uma filosofia de vida hebraísta fundamentada em uma progressiva descentralização de suas vontades enquanto indivíduo – vide sua ponderação de que um indivíduo, tal como Cristo, pode ser capaz de se realizar a si mesmo através de um cuidado do outro, seja um cuidado com outras pessoas, seja um cuidado mesmo com as pequenas coisas do mundo.

A partir dessas memórias de Wilde, enfim, notamos como um dos principais efeitos que o cárcere teve sobre ele – se não o principal efeito – foi fazer com que ele reconhecesse não apenas seus excessos enquanto decadentista e helenista radical, mas também a possibilidade de redenção por meio de um trabalho de humilhação – isto é, um trabalho de humildade sobre si mesmo como estratégia de reconstrução de caráter e de contribuição social, bem à semelhança das ações de Cristo e do humilismo cristão.

No entanto, é importante notarmos, também, como esse gesto de humilhação por parte de Wilde faz ainda com que ele reconceba a si mesmo enquanto artista. Uma das principais ideias motrizes do helenismo enquanto estilo de vida era fazer com que o indivíduo construísse a si mesmo como uma obra de arte, prática em geral compreendida como "estética da existência" (WILDE, 2007, p. 1041-1047; KRITZMAN, 1988, p. 47-53). Na vida de Wilde, essa prática pode ser reconhecida, por exemplo, no seu dandismo

modesto durante sua estada na Universidade de Oxford e logo após o fim dos seus estudos (1874-1882, aproximadamente), no seu dandismo exagerado ao longo das suas palestras sobre a "ciência do belo" no Canadá e nos Estados Unidos (1882) e, enfim, na sua condição de celebridade durante seus anos de maturidade (1888-1895, aproximadamente). Claro, nem sempre são óbvios os limites entre uma estética da existência e uma simples exploração egoísta dos prazeres – vide o estilo de vida promiscuo e sibarítico que levou Wilde a ser condenado –, mas fato é que, nesses momentos de sua vida, ele realmente buscou trabalhar sobre si mesmo e sobre sua imagem de modo a conceber a si mesmo como uma obra de arte e de modo a ser reconhecido como tal. Seja como for, é importante notarmos como o cárcere o leva a radicalmente reconceber a si mesmo como uma obra de arte: para ele, se antes do cárcere sua estética da existência se materializava sobretudo no seu dandismo e na sua celebridade – modos de existência fundamentalmente egoístas –, após o cárcere essa estética passou a ser perceptível sobretudo na semelhança entre o seu sofrimento e o sofrimento de Cristo – afinal, para Wilde, tal como Cristo, ele foi condenado por uma elite torpe e ignara que via suas tentativas de reforma social como afrontosas e, também tal como Cristo, ele foi condenado injustamente diante de sua mãe e de seus seguidores e teve suas riquezas colocadas em aposta para fins muitas vezes sórdidos.

Como deixei claro na introdução, os limites da inocência de Wilde e os limites da justiça à luz da qual ele foi condenado são extremamente controversos; mas não há dúvidas de que ele está certo quando escreve, no início de sua carta, que foi "um homem que se manteve em relações simbólicas com a arte e a cultura de sua época" (WILDE, 1988, p. 729): pois ele próprio e sua literatura certamente acabaram por se provar epitomes da arte e da cultura vitorianas, e em grande medida assim o fizeram justamente por afrontarem o elitismo, o moralismo e o filistinismo dessa sociedade; mas, precisamente por terem afrontado tais elitismo, moralismo e filistinismo,

ele próprio e sua literatura acabaram por ser condenados sob o argumento de que suas boas intenções de reforma social eram, na verdade, vis estratégias de desordem social – uma sequência de eventos sob muitos aspectos semelhante ao julgamento e à condenação de Cristo, enfim crucificado pela sociedade que ele buscava salvar de si mesma.

Considerações finais

Na carta *De Profundis* e em tantas outras que escreveu durante sua estada no cárcere, Wilde dá provas de muitas estratégias por meio das quais o sistema de justiça e o sistema prisional buscam desumanizá-lo. Como vimos, em *De Profundis* ele relata sua angústia como consequência de sua reclusão, solidão, privação e rotinas de afazeres e trabalhos forçados, práticas vigilância, punição e disciplina já bastante discutidas por Foucault como estratégias de reforma subjetiva dos prisioneiros. No entanto, em suas cartas, Wilde ainda menciona uma série de estratégias de desumanização mais circunstanciais: consideremos, por exemplo, sua humilhação pública ao ser exposto como prisioneiro na estação de trem de Clapham Junction no sul de Londres (WILDE, 1988, p. 756-757); consideremos sua humilhação pública ao ser exposto como falido em um tribunal pelo próprio Marquês de Queensberry (WILDE, 1988, p. 713, 731); Wilde raramente menciona sua família, mas consideremos, também, sua dor por a justiça lhe ter tirado a guarda dos filhos – aquela que, com efeito, parece ter sido a maior de todas as suas dores como consequência de sua condenação (WILDE, 1988, p. 744); por fim, consideremos o terrível fato de que Wilde recebe a notícia da morte de sua mãe no único encontro que ele tem na prisão com sua esposa, Constance Mary Wilde (1858-1898), no dia 19 de fevereiro de 1896 (RABY, 1997, p. xxii), também a última vez que se encontram em vida.

Em síntese, esses testemunhos de Wilde sobre o sistema carcerário mostram como esse sistema, sob o pretexto de punir criminosos e de reformá-los em novos sujeitos capazes de viver moral e produtivamente em sociedade, acaba

por se valer de diversas estratégias cruéis de desumanização dos prisioneiros – estratégias que mensagens como as de Wilde buscam, enfim, esclarecer como novas formas de saber àquelas pessoas alheias a esse sistema. É importante ter em mente, porém, que em nenhum momento Wilde se abstém de seus erros, do mesmo modo que ele não presume de modo algum a inocência dos garotos famintos na prisão; ao denunciar as crueldades desse sistema e ao refletir sobre as condições de humanidade fragilizadas por suas estratégias de vigilância, punição e disciplina, o que Wilde busca, antes de mais nada, é tentar salvar esse sistema de si mesmo: é denunciar suas falhas de modo a evitar que ele acabe por se reduzir a um sofisticado sistema de violência gratuita – falhas que, como Foucault já bem constatou, perigam fazer com que indivíduos entrem em uma prisão como criminosos, mas saiam dela como delinquentes.

A prisão não pode deixar de fabricar delinquentes. Fabrica-os pelo tipo de existência que faz os detentos levarem: que fiquem isolados nas celas ou que lhes seja imposto um trabalho inútil, para o qual não encontrarão utilidade, é, de qualquer maneira, não “pensar no homem em sociedade; é criar uma existência contra a natureza inútil e perigosa”; queremos que a prisão eduque os detentos, mas um sistema de educação que se dirige ao homem pode ter razoavelmente como objetivo agir contra o desejo da natureza? (FOUCAULT, 1999, p. 222).

Em meio a esse cruel sistema de desumanização, a escrita do cárcere de Wilde, entendida como ato de reflexão e autocrítica, mostra-se importante por contribuir para que ele, enquanto prisioneiro, ao mesmo tempo não se deixe desumanizar mais do que já foi – tanto pela justiça quanto pela prisão – e busque novos traços de humanidade para o sujeito reeducado que pretende ser. No seu caso em específico, fica claro que seu ideal de sujeito reeducado se fundamenta em uma espécie de inversão da relação entre hebraísmo e helenismo: enquanto o Wilde condenado à prisão era um sujeito adepto de uma filosofia de vida solidária do helenismo – uma vida de explorações extravagantes do intelecto e dos sentidos do corpo para um

proveito principalmente egoísta –, o Wilde saído da prisão deverá ser um sujeito adepto de uma filosofia de vida mais propriamente solidária do hebraísmo – uma vida de exploração humilde do intelecto e dos sentidos do corpo para um proveito principalmente social e econômico. Claro, da mesma forma que o Esteticismo Britânico não pressupunha um rompimento radical entre hebraísmo e helenismo, tampouco devemos pressupor na escrita do cárcere de Wilde uma abdicação completa do helenismo em favor do hebraísmo. A associação que ele faz entre o seu sofrimento e o sofrimento de Cristo tem como objetivo permiti-lo reconceber a si mesmo como uma obra de arte cujo núcleo criativo e estético não são diferentes formas de prazer, mas diferentes formas de pesar. Para Wilde, enfim, seu processo de reeducação pessoal e de reabilitação social consiste, em última análise, em uma transformação de um sujeito prazeroso – um sujeito dedicado aos próprios prazeres e aos prazeres dos outros – em um sujeito pesaroso – um sujeito em controle dos seus próprios prazeres e dedicado às necessidades dos outros.

Para concluir, Wilde escreve o seguinte em um raciocínio sobre a preservação de sua própria humanidade e sobre a lógica de reabilitação à qual pretende se sujeitar enquanto prisioneiro:

Quando fui colocado na prisão, algumas pessoas recomendaram que eu tentasse me esquecer de quem eu era. Era um conselho terrível. Somente compreendendo o que eu sou é que vim encontrar alguma forma de conforto. Agora, outros me recomendam que, ao ser solto, eu tente me esquecer de que sequer estive na prisão. Sei que isso seria igualmente fatal. Isso significaria que eu para sempre seria assombrado por um intolerável sentimento de desgraça, e que aquelas coisas que estão ali para mim tanto quanto para todas as outras pessoas – a beleza do sol e da lua, o cortejo das estações, a canção do alvorecer e o silêncio das noites grandiosas, a chuva caindo pelas folhas ou o orvalho se arrastando pela grama e prateando-a –, tudo isso ficaria corrompido para mim e perderia seus poderes de cura e seus poderes de comunicar alegria (WILDE, 1988, p. 733).

Referências

- ALDRICH, Robert; WOTHERSPOON, Garry (ed.). *Who's Who in Gay and Lesbian History*. Nova York: Routledge, 2001.
- ARNOLD, Matthew. *Culture and Anarchy*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- BUTLER, Judith. *Precarious Life: the Powers of Mourning and Violence*. Nova York: Verso, 2004.
- COLVIN, Sarah. The Credibility of Elves? Narrative Exclusion and Prison Writing. In: KELLY, Michelle; WESTALL, Claire (ed.). *Prison Writing and the Literary World: Imprisonment, Institutionality and Questions of Literary Practice*. Nova York: Routledge, 2021. p. 21-38.
- ELLMANN, Richard. *Oscar Wilde*. Nova York: Vintage Books, 1988.
- EVANGELISTA, Stefano. *British Aestheticism and Ancient Greece: Hellenism, Reception, Gods in Exile*. Nova York: Palgrave, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Politics, Philosophy, Culture*. Editado por Lawrence D. Kritzman. Tradução de Alan Sheridan e outros. Nova York: Routledge, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings, 1972-1977*. Editado por Colin Gordon. Tradução de Colin Gordon, Leo Marshall, John Mepham e Kate Soper. Nova York: Pantheon Books, 1980.
- FOUCAULT, Michel. *Discipline and Punish: the Birth of the Prison*. Tradução de Alan Sheridan. Nova York: Vintage Books, 1978.
- GUY, Josephine M.; SMALL, Ian. Reading De Profundis. *English Literature in Translation, 1880-1920*, [S. l.], v. 49, n. 2, p. 123-149, 2006. <https://doi.org/10.2487/Y717-5W64-5X5J-4720>.
- HYDE, H. Montgomery. *The Trials of Oscar Wilde*. Nova York: Dover, 1962.
- KAPLAN, Morris B. *Sodom on the Thames: Sex, Love, and Scandal in Wilde Times*. Ítaca: Cornell University Press, 2005.
- KELLY, Michelle; WESTALL, Claire (ed.). *Prison Writing and the Literary World: Imprisonment, Institutionality and Questions of Literary Practice*. Nova York: Routledge, 2021.
- LONDRES. *Criminal Law Amendment Act of 1885*. Criado por Robert William Burnie. Londres: Waterlow and Sons, 1985. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/the-criminal-law-amendment-act-1885>. Acesso em: 21 ago. 2022.
- NELSON, Max. Suffering is One Very Long Moment: How Oscar Wilde's Prison Sentence Changed Him. *The Paris Review*, [S. l.], 13 out. 2015. Disponível em: <https://www.theparisreview.org/blog/2015/10/13/suffering-is-one-very-long-moment>. Acesso em: 11 abr. 2022.

RABY, Peter (ed.). *The Cambridge Companion to Oscar Wilde*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

SMITH II, Philip E.; HELFAND, Michael S. (ed.). *Oscar Wilde's Oxford Notebooks: a Portrait of Mind in the Making*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

WILDE, Oscar. *The Complete Letters of Oscar Wilde*. Editado por Merlin Holland e Rupert Hart-Davis. Londres: Fourth Estate, 1988.

WILDE, Oscar. *Children in Prison and Other Cruelties of Prison Life*. Londres: Murdoch & Co., 1898.

Fábio Waki

Doutor em Materialidades da Literatura pela Universidade de Coimbra (UC), em Coimbra, Portugal. Mestre em Linguística - Estudos Clássicos e Bacharel em Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), em Campinas, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Fábio Waki
Rua Major Solon, 615, apto.152
Cambuí, 13024-091
Campinas, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.